

A Escola do Fim do Mundo — políticas educacionais, emergências climáticas e os limites da instituição no Antropoceno

Daphini Moraes Couto¹

Rafael Ferreira Goulart²

Resumo simples

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o papel e as condições da Escola frente às emergências climáticas. Com enfoque na situação das escolas estaduais do Rio Grande do Sul, a pesquisa analisa a relação tensa e muitas vezes contraditórias entre as políticas públicas do campo da educação voltadas ao meio ambiente e as decisões institucionais que se concretizam na situação real das escolas. A pesquisa se insere ainda no contexto dos estudos em torno do Antropoceno. O termo, oriundo primeiramente das ciências da natureza, caracteriza o período geológico atual que o planeta atravessa, com o diferencial de ser o período em que a ação humana tem causado mudanças significativas nos ecossistemas. O termo foi assimilado também pelas ciências humanas, e diversas pesquisas têm buscado refletir quais os impactos das mudanças climáticas e dos avanços tecnológicos no pensamento humano, e quais os deveres éticos e políticos da humanidade nesta nova era. Pensar sobre a Escola do Fim do Mundo é se propor a refletir sobre como a escola pode ser neste presente emergencial, e que papéis a educação pode e deve executar em meio ao Antropoceno.

Resumo estendido

Contextualização do tema

Fim do Mundo pode soar exagerado. Evoca-se aqui um imaginário permeado de imagens apocalipses e distópicas presentes no cinema e na literatura. No entanto, para aqueles que têm enfrentado diretamente os impactos das mudanças climáticas, a expressão ganha contornos perturbadores, pois alguns mundos realmente estão chegando ao seu fim. Nas enchentes de maio de 2024, por exemplo, milhares de pessoas assistiram o seu mundo acabar em questão de horas. As mudanças climáticas estão se impondo cada dia mais duramente, estão cada vez mais próximas e incontornáveis. É o que estamos chamando sob o nome de Antropoceno.

Desde o início dos anos 2000, o geoquímico Paul Crutzen argumenta que a humanidade já ultrapassou os limites do Holoceno – último período geológico relativamente estável que possibilitou a sedentarização e a agricultura – e inaugurou

¹ É doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Link do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3973284119362787>

² É mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Link do currículo Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/6598454484914230>

uma nova época definida pela intervenção humana nos sistemas planetários. Emissões que alteram a composição da atmosfera, o desequilíbrio do ciclo do nitrogênio, a perda acelerada de biodiversidade e a sobre-exploração de recursos como peixes e água compõem, segundo o autor, o conjunto de “assinaturas” que caracterizam o Antropoceno (Crutzen, 2002).

Nas ciências humanas e sociais, por outro lado, tem-se questionado a ideia abstrata de uma humanidade unificada como agente das transformações planetárias, uma vez que essa noção obscurece as responsabilidades históricas de Estados e populações que construíram seu desenvolvimento econômico com base na exploração intensiva de recursos naturais e humanos, cujos impactos recaem desproporcionalmente sobre os mais vulneráveis. Críticas também problematizam o caráter antropocêntrico e supostamente inédito do Antropoceno, destacando que, embora os seres humanos sempre tenham modificado o ambiente (antropização), o que marca o Antropoceno são os efeitos globais e sistêmicos resultantes da Grande Aceleração. Nesse movimento, termos alternativos, como Capitaloceno, Angloceno, Tanatoceno e Chthuluceno, surgem como tentativas de nomear essa nova era de forma mais precisa, associando sua origem ao capitalismo, à industrialização ocidental, às guerras e à urgência ecológica multiespécies. No fundo, essas discussões apontam que o Antropoceno não é obra da humanidade em geral, mas de um modo de vida dominante, surgido na Europa Ocidental, que estabelece uma relação utilitária e predatória com a natureza, baseada na crença ilusória de crescimento infinito sustentado pela tecnologia (Melin; Kondratiuk, 2024). Ainda assim, o Antropoceno permanece como o termo mais popular, e, portanto, adotado nesta pesquisa.

Assumindo-se que estamos vivendo um novo período geológico, e que a Terra passa por profundas transformações, qual o papel que a humanidade deve executar? De que maneira podemos evitar nossa própria extinção? Estas questões seriam abrangentes demais para compor a pesquisa, faremos então o recorte específico do campo educacional: que papel a Escola tem desempenhado frente às crises climáticas, e que papéis ela pode assumir? Quais os compromissos éticos, morais e políticos que a educação tem se proposto a assumir para enfrentar o antropoceno? E como tem sido seu desempenho nessa empreitada?

Objetivos:

Analisar algumas das políticas públicas do campo educacional voltadas à questão ambiental, com enfoque no Rio Grande do Sul, e refletir criticamente a sua concretização nas escolas estaduais, sobretudo no contexto das enchentes de maio de

2024. A partir disso, propor uma reflexão a respeito do papel que a escola pode e deve ter frente aos desafios provocados pelas mudanças climáticas.

Metodologia

Este trabalho se projeta principalmente como uma pesquisa de natureza bibliográfica, que busca cruzar dados oficiais, como leis, portarias, diretrizes e demais orientações institucionais com produções teóricas do campo de discussões ambientais, como o conceito de bem-viver, o pensamento de Ailton Krenak, dentre outros.

Síntese dos resultados

O que as pesquisas têm sugerido principalmente é que, mesmo que a Instituição escolar em todos os níveis tenha demonstrado preocupações e apresentado comprometimentos com a causa ambiental, a concretização destas intenções se mostram paupérrimas e problemáticas. Sobre isso, o que os autores que discutem filosoficamente as questões do antropoceno, da natureza e do modo de vida ocidental tem apontado é que a própria estrutura de funcionamento do espaço escolar, estrutura essa eurocêntrica, moderna e monocultural, tem impedido a realização genuína de transformações no pensamento e no modo de vida da população. Para frear as mudanças climáticas e “adiar o fim do mundo” (expressão usada por Ailton Krenak em seu livro), a escola precisa se transformar inteira. É necessário a insurgência de uma nova Escola para o Fim do Mundo, que siga outros princípios civilizatórios diferentes do que tem sido reproduzido até aqui. (Krenak, 2020; Firmeza et al, 2022; Acosta, 2016; Santos, 2023).

Referências

- ACOSTA, Alberto. O Bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016
- CRUTZEN, Paul J. Geology of mankind. *Nature*, 415 (6867), p. 23-23, 2002.
- FIRMEZA, Yuri... [et al]. Composto escola: comunidades de sabenças vivas. São Paulo: N-1 edições, 2022
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

MELIN, V.; KONDRATIUK, C. Re-habitar a escola no Antropoceno: contribuições da mesologia para um novo olhar sobre as condições de trabalho docente. **Educação**, [S. l.], v. 49, n. 1, p. e81/1–22, 2024. DOI: 10.5902/1984644485359. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/85359>. Acesso em: 9 jun. 2025.

SANTOS, Antonio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: 2023

WALLENHORST, Nathanaël; PIERRON, Jean-Philippe. Éduquer en anthropocène. Lormont: le Bord de l'eau, 2019.

_____ Quel paradigme pour éduquer en anthropocène ? In: HESS, Gérald; PELLUCHON, Corine; PIERRON, Jean-Philippe (Orgs.). Humains, animaux, nature: quelle éthique des vertus pour le monde qui vient ? Paris: Hermann, 2020, p. 235-265.